

BC nega ataque especulativo

Gustavo Franco é taxativo ao des-
cartar a hipótese de ter havido um
ataque especulativo contra o real.
"Uma coisa é navegar em mares re-
voltos, a outra é ficar levando ti-
ros", diferencia. Na semana passa-
da, acredita, o Brasil navegou em
mares revoltos. Ele assegura que a
crise veio de fora e teve origem na
Ásia. Na etapa seguinte, segundo
sua avaliação, aconteceu o que nin-
guém imaginava, nem mesmo os
investidores mais ousados. Uma
queda simultânea de ativos de ren-
da variável e de renda fixa. Ou seja,
ações e títulos de dívida externa,
por exemplo — mais especifica-
mente os bradiés, títulos de países
que renegociaram, com redução, as
suas dívidas. Numa análise mais
rápida foi isso o que aconteceu.

Assim, um investidor que estava
em um país precisou se desfazer de
ativos em outro
mercado para co-
brir os seus prejuí-
zos. Por exemplo,
os bancos brasilei-
ros no Exterior,
exatamente aque-
les que têm política
de investimento
mais agressiva, pre-
cisaram de dinhei-
ro e começaram a
se desfazer de ativos no Brasil, de
acordo com as informações que
circularam na praça de Nova York.
Este é um dado que Franco prefere
não comentar. Em paralelo, com os
juros internos baixos, ficou atrati-
vo tomar recursos no país e com-

prar títulos no exterior. O resulta-
do foi um forte pressão no câmbio
e uma sangria das reservas. Para
estancar o movimento, os juros ti-
veram que ser elevados.

De imediato, o presidente do
Banco Central sabe que, se há duas
semanas considerava bom o mo-
mento para novas emissões de pa-
péis brasileiros no exterior, agora
terá que esperar. Tanto as empre-
sas privadas como também o go-
verno. Mas nem todos os resulta-
dos da crise são negativos. "As con-
tas externas vão melhorar", diz ele
apostando que o fluxo de capital
para o País não sofrerá qualquer
retração. Pelo contrário, deve au-
mentar por causa da elevação dos
juros internos. Com isso, o País ter-
á mais folga para financiar o défi-
cit em transações correntes, um
dos calos do governo. Outro impac-
to? Vai melhorar

também o desem-
penho da balança
comercial. Isso por-
que, com os juros
altos, o exportador
poderá contratar o
financiamento no
Exterior e aprovei-
tar o diferencial de
taxas. "Aumenta a
rentabilidade do

EMISSÕES NO
EXTERIOR TERÃO
QUE ESPERAR,
DIZ FRANCO

exportador", diz ele.

Ainda no rastro de toda a crise,
Franco acredita numa maior rapi-
dez pela aprovação das reformas
no Congresso. Com elas, o Brasil
terá mais condições de se afastar
das crises internacionais.